

PRÁTICA DE LEITURA NA SALA DE AULA DA EJA: O USO DE REVISTAS SOB A QUESTÃO DOS GÊNEROS

Rosely de Oliveira Macário (PPGFP - UEPB)
roselymacario@hotmail.com,

Linduarte Pereira Rodrigues (DLA/PPGFP - UEPB)
linduarte.rodrigues@bol.com.br

Resumo: A EJA é constituída de diferentes atores sociais, que ao longo de suas vidas acumulam uma história de fracasso escolar. Nesse percurso de insucesso escolar ainda se observa na contemporaneidade o preconceito de gênero em relação ao direito da mulher de investir em sua educação. A negação de tal direito contribui para a exclusão social quanto ao fazer uso da leitura nos diferentes domínios discursivos da linguagem. Busca-se mediante um trabalho com revistas disponibilizar para o aluno da EJA ações didáticas que estimulem o aluno-leitor a conceber a leitura numa perspectiva de entender o sentido do texto, que vai além do processo de decodificação, contribuindo para a formação de um leitor proficiente, neste caso, especificamente para as mulheres, com o incentivo a luta contra a cultura machista, que a impede de frequentar a escola. Este artigo busca apresentar resultados de uma pesquisa realizada numa sala de aula da EJA, da rede municipal de ensino de Campina Grande-PB, no segundo semestre de 2012, compreendendo o uso de revistas na sala de aula numa abordagem interacionista sociodiscursiva. Como aporte teórico, citamos Bronckart (1999), Bauman (2009), Freire (2007), Moita Lopes (2013), Rodrigues (2009; 2013) entre outros. Os dados apontam que a leitura crítica é incorporada através de ações evidenciadas dentro e fora da escola, por parte dos participantes da pesquisa que se efetivam com seus discursos de mulheres em meio a uma sociedade que reprime vozes não autorizadas. Um estudo que caminha em conformidade com as pesquisas contemporâneas que dialogam com a educação e questões de gênero e sexualidade em prol da formação de professores que atuem na Educação Básica.

Palavras-chave: Leitura de revistas. Questões de gênero. EJA. Formação de Professores.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui parte da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB, intitulada: Práticas de letramento na educação de jovens e adultos: a revista como possibilidade de formação do leitor crítico. Partimos de um contexto escolar da EJA cujo cotidiano era observado a presença de alunos que, apesar de permanecer na escola não conseguiam aprender a ler. Diante desse contexto, objetivamos adequar nossas ações teóricas metodológicas a dialogar com esses interlocutores e assegurar o direito a educação formal. Para tal desafio traçamos o objetivo de evidenciar práticas de letramento escolar na sala de aula da Educação de Jovens (EJA), a partir da leitura de revistas de circulação nacional, com ênfase para a sobrevivência dos alunos na cultura marcadamente letrada, numa perspectiva teórico-metodológica do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD).

A partir da análise dos dados coletados por meio de observações participativas e das entrevistas realizadas buscamos o sentido do ensino de leitura na reflexão sobre a prática docente

na EJA para uma demanda social constituída por pessoas que não tiveram acesso, por algum motivo, ao ensino regular na idade adequada, conforme a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96), em seu Art. 37º, que determina que “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

Rodrigues (2009) refere-se a uma demanda escolar culturalmente híbrida, em que o professor deve estar ciente de que sua prática é compartilhada por todos, sujeitos heterogêneos e complexos, evitando-se atitudes preconceituosas para com aquele aluno que procura a escola, mesmo tardiamente. Assim, pensando nessas especificidades desses atores sociais, faz-se necessária uma visão de educação dialógica e também multicultural.

Assim, com esse propósito, buscamos as contribuições teóricas de Bronckart (1999), Bauman (2009), Freire (1985; 2003; 2011), Moita Lopes (2013), Rodrigues (2009), entre outros. A pesquisa foi desenvolvida numa escola pública municipal na cidade de Campina Grande-PB no segundo semestre letivo de 2012. Esta teve como participantes 29 alunos, regularmente matriculados no I ciclo inicial e final, inserida no 1º segmento do Programa Especial de Educação de Jovens e Adultos (PREEJA), em torno da leitura mediada com o uso de revistas (VEJA, Cláudia, Atrevida, Guia Astral, Ana Maria, Viva etc.).

No que concerne à faixa etária desses alunos constatamos o conflito intergeracional vinculado ao fenômeno da juvenilização nesta modalidade de ensino. A presença de grupos etários oscilava entre 12 e 65 anos. Dessas categorias observadas no percurso da investigação vê-se, portanto, protagonistas de histórias reais, particularmente, de estudantes/mulheres, das quais revelam uma trajetória de experiências de negação ao direito à educação formal, de desigualdade social e exclusão social. Tal situação de negação do direito à educação vivenciada pelas mulheres revela resquícios da concepção machista, signo de uma sociedade patriarcal, aliada a questões de caráter colonial do binarismo dominante/dominado, dificultando para essas mulheres na sua formação profissional.

Quanto ao caminho investigativo para a coleta de dados, fez-se necessário o uso da metodologia “roda de conversa”, com o intuito científico de, através da conversação, possibilitar o intercurso verbal em que os participantes sociais da pesquisa possam se alternar e destacar as situações sociais, nas quais tiveram a necessidade do uso da leitura em sua vida diária.

Assim, a metodologia “roda de conversa”, através da escuta sensível, sugerida por René Barbier (2002), vinculando-a ao princípio da dialogicidade (FREIRE, 1985), vimos, portanto, a opção em torno do uso de revista na sala de aula da EJA, motivado pelo relato da aluna T, de 33

anos¹, que conhecedora da problemática da aluna A, de 38 anos, no que tange a não aprendizagem da leitura, sugeriu que ela fizesse como seu exemplo fora da escola, que passasse a ler revistas de horóscopo, pois ela “aprenderia rapidinha”.

A relevância das reflexões resultantes da investigação deriva em concordamos com a formação de professores que atuem na educação de jovens e adultos, não para servir de modismos, mudanças nos discursos, mas para contar com o estabelecimento de novas interlocuções, incluindo o respeito à especificidade da modalidade educativa, quanto ao uso de metodologias capazes de atender as peculiaridades dos contextos históricos dos atores sociais na EJA.

Para a presente discussão, partíamos da contribuição de Freire (2011), em sua obra intitulada “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”, no que concerne ao fato de que ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, remete-nos para a necessidade da formação permanente do professor. Tal discussão freireana motivou-nos a observar a realidade de sala de aula, analisando-a não como um produto pronto, acabado, tampouco como uma prática cristalizada, mas passível ao diálogo.

2 A LEITURA DE REVISTAS NA EJA E SUA RELAÇÃO COM O GÊNERO

No quadro de mudanças na contemporaneidade, Moita Lopes (2006) exprime que se faz necessário reinventar a vida social, na busca de produzir novos conhecimentos com base nas vozes dos que estão à margem, nos moldes de uma educação emancipatória. E essa preocupação, se traduz aqui nesse texto focado na perspectiva das mulheres/estudantes da EJA que apesar da modernidade, das novas tecnologias da informação, ainda convivem com as dificuldades em frequentar a escola na modalidade presencial, por uma questão de dominação de cultura machista (BOURDIEU, 2005). Como podemos observar na fala da aluna T de 33 anos:

[...]. O meu esposo dizia ‘tu não vai aprender não’. Ai foi passando o tempo, ai ele disse, e eu sempre dizia ‘[...] me deixa ir pra escola, eu quero estudar’, ai ele dizia ‘não, você não vai não, quem já viu mulher casada estudar’, aí eu disse ‘pronto, eu já vejo um bucado aí estudando’, ai foi passando o tempo, foi passando o tempo, aconteceram muitas coisas né, aí eu disse ‘[...] agora eu vou estudar’, ai ele disse ‘é, vá, eu vou deixar, vá simhora fazer a matrícula’. Ai eu fiz a matrícula um ano, não deu certo, aí eu digo ‘pronto, era só o que me faltava’. Passou um tempo, aí eu digo ‘Agora eu vou lá no colégio e não vou mais fazer matrícula com ninguém. Eu vou diretamente lá no colégio que é onde se faz a matrícula de verdade’. Aí chegou o dia e fui mimhora e hoje tô aqui. E tô aprendendo. E quero aprender mais e mais. É pouco ainda porque ainda eu erro as palavras quando eu vou escrever, mas é perseverando que a gente chega lá. Tá bom professora (Risos).

¹Atendendo aos princípios éticos da pesquisa, os sujeitos estão identificados pelas letras A, L, T, S, M.

É importante salientar que diante desses discursos, na incapacidade da mulher aprender, buscamos refletir nossas práticas de leituras e pensar em eventos de letramentos numa dimensão ideológica, cujas ações educativas em torno das revistas derivaram sentidos para os participantes da pesquisa, uma vez que as temáticas tratadas pelas revistas trabalhadas em sala de aula focavam temas de interesse do público feminino da EJA.

Convém aqui pontuar que nesse evento de letramento, os gêneros trabalhados como horóscopo, capas, anúncio publicitário, como exprime Rosa (2013), buscou olhar tais gêneros atentando para o objetivo de moldar comportamentos, de aconselhamento, que na condição de um leitor crítico, envolvendo tais revistas, a exemplo da revista Guia Astral, com foco nos conselhos de “João Bidu”, simpatias, horóscopo, possibilitaram a sistematização de roda de leituras a refletir a intencionalidade comunicativa desses textos com seu público leitor.

Notadamente, o trabalho com uso de revistas na sala de aula em foco avançou, partíamos de horóscopo para ler outros tipos de revistas, geralmente destinadas as mulheres das classes populares. Diante das discussões acerca da relevância de saber ler na sociedade contemporânea e revisitando as memórias de negação desse direito a educação, constatamos um quadro de complexidade e interseções entre o direito a educação e a realidade apontada através dos relatos dos alunos da EJA.

Frente aos inúmeros relatos dos alunos em relação ao insucesso escolar considerando nosso o foco desse estudo, buscamos centrar nossas atenções nas falas de estudantes/mulheres, que permitiram dialogar com nosso aporte teórico. Os relatos observados das mulheres participantes na sala de aula, foco de nossa investigação, envolveram o analfabetismo das entrevistadas advindas de discursos legitimados pela cultura de dominação machista, comprovada através do relato da aluna a qual chamamos de S, de 65 anos, que enfatizou não ter estudado pela proibição de seus pais, que eram agricultores. Segunda a aluna S, era disseminado, na sua juventude, valores ideológicos preconceituosos contra a mulher, cuja percepção era que “mulher não podia estudar, para não escrever cartas para o namorado”. Assim, ela não estudou porque o pai não deixou, e não porque teve que trabalhar na roça.

Por outro lado, havia a presença de alunas na sala de EJA que não frequentaram a escola devido à questão de sobrevivência, elas relataram que tiveram de trabalhar desde a adolescência para o sustento familiar. Nessa situação encontramos a aluna T, de 38 anos, que quando tinha 13 anos, com propósito de oferecer melhores condições de vida a sua família, teve que se deslocar da sua cidade natal, Boqueirão–PB, para o Rio de Janeiro. Como também, registramos a presença de outra aluna que comungando com tais objetivos citados pela aluna T, de 38 anos, argumentou que teve que ir para São Paulo, juntamente com um irmão, para tentar arrumar emprego. Ela

aproveitou o turno de sua enunciação para desabafar que sofreu muito naquela região pela ausência da aprendizagem do código linguístico: “não saber ler”.

3 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS: ANÁLISE DOS DADOS

A intervenção pedagógica, apoiando-se em Pinto (2007, p.116), as contribuições do ISD, no que tange a “questão do desenvolvimento humano e o da questão social das atividades formativas, cujas ações implicam de transmissão de conhecimentos e valores éticos e comportamentais”. Assim, correlacionando-os ao contexto da EJA, sob o olhar de gênero, certamente encontramos alunas/mulheres que através de seus discursos buscam a melhoria em suas vidas. Pensando da realidade social dessas alunas/mulheres ancoramos nossos estudos na contribuição de pesquisadores da área do ISD, no que concerne a perspectiva da linguagem destinada para o desenvolvimento do ser humano, de seu pensamento consciente e de sua consciência, mediante a interação com os valores difundidos na sociedade.

Vimos, portanto, que a revista estava presente na vida cotidiana dos atores sociais participantes da pesquisa. Observamos nos relatos desenvolvidos durante a investigação que o aluno da EJA lia fora da escola. A relação do aluno com a revista estava vinculada à interatividade em torno da leitura com fins de aquisição de informação religiosa, comercial, publicidade, entre outras.

Para trabalhar a leitura com uso de revista na sala de aula, em uma aula desenvolvida ao longo da pesquisa, priorizamos a Revista Máxima, Ed. Abril, ano 3, nº 4, edição 28, setembro 2012. Observamos uma situação vivenciada pelo aluno a que chamamos L, de 18 anos, bastante relevante foi o fato de que pela primeira vez o aluno mostrava interesse em ler na sala de aula, atendo-se ao exame da revista citada anteriormente. Esse aluno sinalizou dúvidas quando lia uma matéria “Anemia nunca mais”, na qual consta a expressão “As mulheres em idade fértil”. Ele atenta para o significado do sentido do texto. Ao ser indagado pela professora pesquisadora acerca do sentido da expressão “idade fértil”, o aluno L, de 18 anos, respondeu que se tratava “de uma mulher magra, sei não, é?”, demonstrando insegurança em sua resposta. Daí, considerando a presença de estudantes/mulheres na condição de mãe, a professora pesquisadora lançou a questão: o que essas alunas entendiam por “idade fértil”, destacando a manchete da revista supracitada. Teve como resposta o silêncio das mulheres, pois apesar de terem filhos desconheciam alguns signos que representavam em linguagem a especificidades do corpo da mulher. Nessa discussão, percebemos que o aluno M, de 40 anos, aproximou tal resposta, buscou através de suas experiências empíricas de pai, associou tal palavra ao ciclo menstrual da mulher. A partir dessa situação com a leitura de temas tratados pelas revistas sobre o corpo da mulher,

optamos pelo aprofundamento da temática “período fértil”, e possibilitar ao grupo a construção de novos conhecimentos.

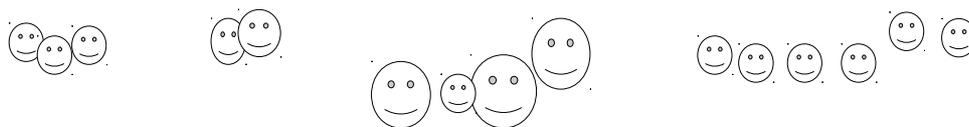
Figura 1 - (a) Leitura de capa e reconhecimento dos componentes; (b) Estudo de sumário; (c) Análise de matéria jornalística.

Fonte: Acervo pessoal da professora pesquisadora.

Do debate suscitado em torno da expressão “idade fértil” derivaram, segundo as alunas participantes da pesquisa, que o momento de leituras com as revistas em sala de aula seria chamado “Nossas descobertas”. Nessa perspectiva, a leitura das revistas era desenvolvida no decorrer das aulas, atentando para as informações expressas nas capas, derivava de momentos de pesquisas, principalmente quando se tratava de uma palavra ou expressão desconhecida pelos alunos. Só existia o avanço das discussões orais e escritas em torno dos textos lidos, após o entendimento por parte da turma.

Na etapa final da pesquisa no dia 10/12/2012, a professora pesquisadora organizou sua aula fora da escola. A leitura de revista seria num lugar onde encontrávamos a revista enquanto produto que se comercializa, ou seja, numa das três bancas de revistas localizadas na Praça da Bandeira, centro da cidade de Campina Grande-PB, cuja observação possibilitou a constatação que as estudantes/mulheres examinavam a capa, liam os assuntos e caso gostassem da revista, logo atentavam para o preço, rapidamente decodificado, posteriormente selecionavam as que interessavam para comprá-las.

Figura 2 - Evento de letramento: leitura na banca de revista – Centro Campina Grande-PB.



Fonte: Acervo pessoal da professora pesquisadora.

A observação da interação desses sujeitos sociais na banca de revista possibilitou um avanço na pesquisa. Pudemos registrar a compra de revistas do tipo: atualidades, novelas, orações, moda, culinária, entre outras, por parte do aluno da EJA.

Nesse mesmo dia, após a visita à banca de revista, vivenciamos outro evento de letramento numa perspectiva de uso social da leitura. Tal evento de letramento ocorreu por ocasião da confraternização entre os participantes da pesquisa, numa pizzaria da cidade.

Figura 3 - Momento na pizzaria: leitura do cardápio por parte do sujeito da pesquisa.



Fonte: Acervo pessoal da professora pesquisadora.

Na pizzaria o aluno teve acesso ao gênero textual cardápio, e nele fez uso social da leitura. Analisou os tipos de pizzas disponíveis naquele estabelecimento comercial, em um preço compatível com a realidade econômica dos alunos da EJA, como nos recomenda Molica & Leal (2012, p.3): “os programas de alfabetização de jovens e adultos devem estar fortemente conscientes de suas responsabilidades quanto à utilização oportuna de estratégias eficazes de inserção dos alunos na vida letrada”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a prática de leitura na EJA, no ambiente escolar em processo de alfabetização, implica saber os saberes dos sujeitos sociais inseridos na pesquisa, cuja atuação de um professor reflexivo deriva conhecimentos práticos e teóricos, com vistas à elaboração de uma proposta de trabalho de intervenção vinculada ao uso da leitura numa perspectiva de letramento. Desse modo, pensar a proposta de trabalho docente para o lócus da pesquisa derivou refletir a trajetória histórica da educação brasileira, vê suas implicações no processo de um número acentuado de jovens e adultos que são excluídos da escola, e tal exclusão social gera a não participação das práticas e eventos de letramento, em vista desse sujeito social não saber ler e conseqüentemente não dispor das habilidades e competências leitoras exigidas na sociedade contemporânea.

Cabe ressaltar o caso da aluna A, de 38 anos, que motivou nossa ação docente com o estudo da leitura em sala de aula, com foco no uso de revistas. Ela se envolveu com a prática, encontrando o prazer pela/na leitura, motivando todos para a aquisição de mais revistas, de mais leituras, a cada encontro. Uma prática que adquiriu proporções positivas, e momentos encorajadores, como quando essa aluna relata o quanto é emocionante poder decifrar o código escrito, chorando e sorrindo, ao mesmo tempo, por se revelar, descobri-se, leitora.

Dos diversos relatos apresentados em nosso estudo, cabe destacar o da aluna que exercia a função de gari, justamente no lugar onde se localizavam as três bancas de revistas visitadas em nossa pesquisa-ação. Essa aluna, de 42 anos, já deixava claro nos encontros de leitura em sala de aula de sua não identificação como leitora de revistas em âmbito social e que quando questionada em dias anteriores se não tinha vontade de entrar na banca para folhear tais revistas, verbalizou que passava o dia todo ali, mas “limpando, isto é, trabalhando” e não vendo à hora de “voltar para casa e arrumar as coisas para vim para escola estudar”. Essa aluna não se via leitora fora do ambiente escolar, estava centrada na leitura na escola. Porém, com o desenvolvimento das rodas de conversa, realizadas na sala de aula, atreladas aos diversos relatos das novas descobertas feitas pelo “o encanto da leitura”, nos mais diversos contextos sociais, inclusive na banca de revistas, onde os alunos da EJA estiveram envolvidos com a leitura efetiva, sócio-culturalmente evidenciada pelo ato de ler; ela ora profissional ora aluna expressou que até então não tinha observado que poderia também ter acesso aquele ambiente de leitura: “via revistas, às vezes, jogadas no chão, as quais faziam a coleta de lixo”, e pouco refletia, observava, “eram lixo, não revistas”. E assim seguia, vendo possíveis leituras como lixo por não ter a leitura como função social.

Diante disso, amadurecemos para o entendimento de que refletir a prática de leitura na perspectiva de formação de leitores críticos perpassa pela formação inicial e principalmente continuada, cujo encaminhamento das ações teórico-metodológicas nos possibilita aproximar a teoria da prática com mais amadurecimento profissional.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Vida líquida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano, 2002 (Série Pesquisa em Educação, v.3).
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. 27. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- _____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- MOITA LOPES, L. P. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola. 2013.
- MOLLICA, M. C.; LEAL, M. **Letramento em EJA**. São Paulo: Parábola. 2012.
- PINTO, R. O interacionismo sociodiscursivo, a inserção social, a construção da cidadania e a formação de crenças e valores do agir individual. *In: GUIMARÃES, A. M. de M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. (Orgs.). O interacionismo sociodiscursivo: Questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007, p111-119. (Coleção Idéias sobre Linguagem).
- RODRIGUES, L. P. Textos, discursos e sujeitos híbridos: a plasticidade cultural contemporânea à luz da teoria do *habitus* de Pierre Bourdieu. *In: VI Congresso Internacional da ABRALIN*, 2009, João Pessoa. Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009. v. 1.
- _____. Associação identitária entre a decadência do mundo e a imagem da mulher no cordel e em outras mídias. *In: DIAS DA SILVA, Antonio de Pádua; RIBEIRO, Maria Goretti. Rumos dos estudos de gênero e sexualidades na agenda contemporânea*. Campina Grande: ADUEPB, 2013.
- ROSA, Adriana Letícia da. Conselhos em revistas femininas: o poder do discurso de moldar comportamentos sociais. *In: SILVA, A. P. D. (Org.); RIBEIRO, M. G. (Org.). Rumos dos estudos de gênero e de sexualidades na agenda contemporânea*. 1. ed. Campina Grande: Editora da Universidade Estadual da Paraíba – EDUEPB, 2013. v. 1. 472p.